

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

Luciano Bezerra Gomes

# Quase nada é novo



editora



redeunida

**Coordenador Nacional da Rede Unida**

Alcindo Antônio Ferla

**Coordenação Editorial**

Alcindo Antônio Ferla

**Conselho Editorial**

Alcindo Antônio Ferla

Adriane Pires Batiston

Emerson Elias Merhy

Izabella Matos

Ivana Barreto

João Henrique Lara do Amaral

João José Batista de Campos

Julio César Schweickardt

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Lisiane Böer Possa

Liliana Santos

Mara Lisiane dos Santos

Márcia Regina Cardoso Torres

Marco Akerman

Maria Luiza Jaeger

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Ricardo Burg Ceccim

Rossana Baduy

Sueli Barrios

Túlio Franco

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Lucia Kadjaoglianian

Vera Rocha

**Comissão Executiva Editorial**

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

**Arte gráfica - Capa**

Fragtensos

Kathleen da Cruz

**Diagramação**

Luciane de Almeida Collar

Grafia atualizada segundo o Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa de  
1990, que entrou em vigor no Brasil em  
2009.

Copyright © 2014 by Luciano Bezerra  
Gomes.

**DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

G633q Gomes, Luciano Bezerra

Quase nada é novo / Luciano Bezerra Gomes. – 1.ed. – Porto Alegre :  
Rede UNIDA, 2014.

133 p. : il. – (Série Arte Popular, Cultura e Poesia)

ISBN 978-85-66659-25-2

1. Poesia. 2. Crônicas. 3. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 869.0(81)-1

LC: PQ9697

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos desta edição reservados à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA REDE UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110 – Porto Alegre – RS  
Fone: (51) 3391-1252 - [www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)

**Série Arte Popular, Cultura e Poesia****Luciano Bezerra Gomes****Quase nada é novo****1ª Edição****Porto Alegre, 2014****Rede UNIDA**

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Para começo de conversa.....                         | 9  |
| a presente ação.....                                 | 17 |
| quase.....   | 18 |
| não me escondo sob minhas carnes.....                | 19 |
| meus enterros mais pomposos.....                     | 20 |
| tarde dessas.....                                    | 22 |
| sem muito planejamento.....                          | 23 |
| vivemos sempre.....                                  | 25 |
| queria descer ao rés da palavra.....                 | 26 |
| na invenção da vida.....                             | 27 |
| tem sempre um descompasso que transborda.....        | 28 |
| meu descompasso não dá voltas.....                   | 29 |
| o século.....  | 31 |
| para estruturar um verso.....                        | 32 |
| a vida.....  | 33 |
| Arte do encontro.....                                | 34 |
| acinzenta os céus.....                               | 35 |
| às vezes me visita um canto de minhas infâncias..... | 36 |
| a vida é enquanto.....                               | 37 |
| emoção plena.....                                    | 38 |
| para paulo leminski.....                             | 39 |
| Meu objetivo.....                                    | 40 |

|  |           |
|--|-----------|
| não me venha com meridianos e latitudes.....     | 41        |
| no tempo inexato.....                            | 42        |
| Os pássaros não sabem de si.....                 | 43        |
| Quisera eu ter.....                              | 44        |
| sempre mudar de vida.....                        | 45        |
| sobre a esperança.....                           | 46        |
| vim.....   | 47        |
| a sola do meu peito.....                         | 48        |
| com as nuvens brinco de várias formas.....       | 49        |
| às vezes.....                                    | 50        |
| depois de quase.....                             | 51        |
| não deve ser fácil ser o silêncio de alguém..... | 53        |
| para clarice.....                                | 54        |
| hoje meu sertão anda agitado.....                | 56        |
| questões de física médica.....                   | 57        |
| testemunho.....                                  | 58        |
| Contato.....                                     | 59        |
| crescer.....                                     | 61        |
| <b>do amor.....</b>                              | <b>63</b> |
| houve um tempo.....                              | 64        |
| Prelúdio.....                                    | 65        |
| Livre.....                                       | 66        |
| youê parece que pensa.....                       | 67        |
| oi.....  | 69        |
| youê me poesia.....                              | 70        |
| meu quarto está imensamente.....                 | 71        |
| preciso agitar as letras.....                    | 72        |
| mais um dia de chuva.....                        | 73        |
| Incertezas.....                                  | 74        |
| Auto-exílio.....                                 | 75        |
| Foi duro mas superei.....                        | 76        |

|   |            |
|---|------------|
| <b>quebra.....</b>                                | <b>77</b>  |
| minhas completudes são pouco abastadas.....       | 78         |
| As sete faces de um poema sem nexo.....           | 79         |
| para maiakóvski.....                              | 81         |
| Não nasci para muitos talentos.....               | 82         |
| no exato instante em que alvoreci.....            | 83         |
| as gavetas dos futuros.....                       | 86         |
| parar um pouco.....                               | 88         |
| pedagos.....                                      | 89         |
| rasgar as roupas velhas.....                      | 93         |
| sujeito coletivo.....                             | 94         |
| sub-versões de vidro.....                         | 95         |
| <b>as crônicas.....</b>                           | <b>98</b>  |
| A rua a dormir.....                               | 99         |
| cabôca.....                                       | 101        |
| escrevendo o mundo.....                           | 102        |
| sábado de manhã.....                              | 103        |
| há tempos.....                                    | 104        |
| genial orgia da moral.....                        | 105        |
| Valor.....  | 106        |
| Uma tarde na TV.....                              | 107        |
| um menino num semáforo.....                       | 109        |
| Aos bichos.....                                   | 110        |
| <b>dos poemas.....</b>                            | <b>111</b> |
| margiconcretropicinalha.....                      | 112        |
| hoje saí para caminhar.....                       | 113        |
| a poesia ou uma embolada... com zeca baleiro..... | 114        |
| Sobre o escrever.....                             | 118        |
| revoar rubro.....                                 | 119        |
| meu poema não quebra uma porta.....               | 120        |

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| intensos.....                  | 121 |
| indo te ver.....               | 122 |
| esta noite.....                | 123 |
| disse-me a poesia.....         | 124 |
| para paulo leminski.....       | 125 |
| 19-07-01.....                  | 126 |
| C. D. A.....                   | 127 |
| na entressafra dos sonhos..... | 129 |
| nas praias de ilhéus.....      | 130 |
| esperem um pouco.....          | 131 |
| Sobre o autor.....             | 132 |

## Para começo de conversa

Este livro nasce de uma decisão política.

Eu venho tentando escrever poemas há quase vinte anos. Não foram poucas as modificações na vida nesse período, e isso se expressa nos textos que fui elaborando.

Entretanto, uma característica mantive nesse tempo: a minha insistência na poesia é uma maneira de trabalhar em mim as afetações que o mundo nos produz. Não consigo escrever um verso se ele não for mobilizado pelos processos relacionais em que estou inserido. Não apenas nos aspectos íntimos, mas também nos sociais, visto que nos constituímos como dobras singulares do mundo, transversalizadas pelos fluxos mais distintos. Por isso, sempre pensei que tudo que eu venha a produzir na vida deve ser compartilhado.


Para ser mais exato, esta atitude de partilha foi uma construção, não uma determinação *a priori*. Nos primeiros anos, guardava meus textos a sete chaves, pois me sentia nu quando os lia, o que impedia que alguém tímido como eu os mostrasse a outros. Mas uma grande amiga estava passando por um determinado momento da vida que, a meu ver, tinha bastante conexão com um poema que estava mofando em minhas pastas. Fui à sua casa e, ao estender a mão com o texto para que ela lesse, tive em seguida uma das lições que

me fizeram reposicionar certas atitudes.

Esta amiga argumentou que eu era egoísta ao não compartilhar o que escrevia com as outras pessoas. Isso porque, segundo ela, o que acabara de ler fizera total sentido diante do contexto que vivia e a mobilizaria para enfrentar seus desafios, mas que ela não conseguiria expressar aquilo em palavras, e talvez tivesse mais dificuldade em lidar com suas afecções, sem o tal poema.

Depois disso, resolvi mostrar aos poucos os textos que escrevia, tendo o cuidado de fazê-lo apenas para pessoas mais próximas, escolhidas “a dedo”, e que sabia que não iam considerar ridículo uma pessoa com ainda tão pouca experiência de vida se “metendo a besta” para fazer poemas. Mesmo eu sabendo (pelo senso de autocritica que me acompanha) das muitas limitações e poucas qualidades de vários dos poemas, o retorno favorável desses amigos me fez vencer o receio de me desnudar ante os outros e passei a compartilhar meus textos.


Além de algumas exposições em espaços públicos, durante os anos da graduação em medicina, na Universidade Federal da Paraíba, foi no ano de 2003 que aproveitei para organizar meu primeiro “livro”. Já há alguns anos eu me habituara a lutar contra o papel em branco, tentando criar uma estética capaz de lidar com o que me afetava, processando isso na forma de versos. Nessa época, percebi que estava começando a modificar minha maneira de escrever, e vi que deixaria para trás os primeiros anos de exercícios. Entretanto, confesso que tive um apego, uma relação afetiva com aquelas páginas riscadas que já me acompanhavam durante anos.



Sendo assim, resolvi me despedir dessa fase preparando um arquivo em formato digital onde incluí os textos que, em minha avaliação, mereciam ser publicizados. Tendo por título “Poesia Alguma ou a ordem dos fatores”, ele foi organizado no início de 2003, e tem o que eu consegui não rasgar nos primeiros anos de minhas tentativas de escritas; o que consegui não rasgar não por um critério de qualidade, mas de afetividade; por isso, é bastante heterogêneo, em temática e estilo. O próprio título era uma brincadeira com o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade. Eu dizia que o livro original de Drummond tinha, efetivamente, “alguma poesia”, já o meu, tinha “poesia alguma”.

A estratégia usada para compartilhá-lo foi simples: encaminhar para os amigos mais próximos, por meio de mensagem eletrônica, e autorizá-los a repassar para as pessoas que eles considerassem que poderiam aproveitar algo do que tinha ali. Como era de se esperar, ele não teve uma grande visibilidade, seja pela pouca densidade poética da maioria dos poemas, ou também pelo formato inadequado, numa época em que os leitores de livros digitais (se é que já existiam) ainda não faziam parte da vida dos seres humanos desse pedaço do mundo.

Como, na escrita, sempre tive um compromisso comigo e não em me tornar um autor de renome no mundo da literatura, a minha estratégia foi mantida ao longo dos anos: insistir em argamassar versos e, de tempos em tempos, compilá-los e compartilhar com os amigos. Foi assim que, nos anos seguintes, mais três arquivos digitais circularam pelas caixas de mensagem de algumas dezenas de amigos, os quais podem ter encaminhado para não sei quantas pessoas.



À medida em que insistia na poesia, acredito que fui elaborando um modo mais próximo do que eu pretendia alcançar em termos estéticos. Para isso, não só o esforço na escrita e reescrita foi fundamental, mas a leitura sistemática (por prazer e por estudo) de grandes poetas me foi, e continua sendo, essencial. Para dar uma breve ideia dessa trajetória, segue uma descrição sucinta das compilações de poemas posteriormente publicizadas.


O segundo “livro”, “transesãostransesons”, organizado no início de 2006, como se apreende de um dos sentidos que tentei brincar no título, representa uma transição em minhas preocupações poéticas à época. Traz uma preocupação inicial com a estética da palavra, que passou a ser mais forte em minhas tentativas posteriores.

No terceiro, que se chama “poesia menor” e foi organizado no início do ano 2008, tento avançar ainda mais em algumas desconstruções estéticas e outras reconstruções na minha trajetória.

O último, “meu poema é nosso”, organizei em 2012. Ele compilava minhas produções mais recentes, onde se viam as minhas maneiras de processar as afetações que a vida me tem levado desde que voltei a morar em João Pessoa, em 2008 (depois de alguns anos em Aracaju e Salvador), momento em que dei uma guinada profissional e pessoal em minha vida.

Entre estes “livros”, percebo uma busca constante de autoconstrução a partir da arte. Neles, eu me defino sem me delimitar precisamente a cada tentativa poética. Parece uma busca, sabidamente frustrada *a priori*, de me ir constituindo na parcialidade de cada pedaço por onde um poema novo me pega. Às vezes, eles me tomam pelo braço; em outras

---




ocasiões, me agarram pela perna, pelo cabelo, pelo estômago, e assim vão.

Neste sentido, tenho percebido que gosto cada vez mais dos meus “livros” mais recentes, em especial dos dois últimos, à medida que os primeiros vão ficando mais distantes em mim. Tenho com os antigos, em especial o primeiro, uma relação meio arqueológica, no sentido de que me vejo nele quase como um fóssil por onde eu mesmo me tento desenterrar. Certas percepções não me dizem mais respeito hoje, mas me constituem num processo. Quanto aos mais recentes, ainda tenho muitas relações vivas com eles. Não apenas isso, acho que, com o tempo, estou afinando minha voz para poder falar do modo como intento.

A insistência na estratégia artesanal de organização se baseou na persistente defesa da livre circulação de saberes e da arte. Sendo assim, de certo modo, eu me autopiratariei e autorizo as demais pessoas a assim também o fazerem. Por isso, mesmo sendo instado por algumas pessoas ao longo dos anos, sempre resisti à ideia de publicá-los por alguma editora em formato impresso. Além de não querer uma caixa de livros estragando na garagem, nunca me animou a ideia de um lançamento com amigos bebendo vinho enquanto levavam o livro, por consideração, para ficar em suas casas, num canto da prateleira. Ante essa imagem, sempre preferi que as pessoas os deixassem “mofando” numa pasta qualquer no seu computador (já que este foi o destino mais comum que eles tiveram ao longo dos anos), pois assim, pelo menos, não se ampliaria o desmatamento.

Apenas com a possibilidade apresentada pela Editora Rede Unida foi que resolvi sair da circulação artesanal, pois

---




ela tem apostado na elaboração de bons projetos editoriais, mas com a política de disponibilização gratuita dos livros na internet. Isso iria remediar um dos problemas do acesso às minhas poesias: pelo menos, eu poderia compartilhar com os amigos arquivos com um ótimo aspecto visual e de manuseio facilitado.

Diante do impulso inicial de escrever uma série de textos novos para constituir um “quinto livro”, uma vez mais, fui atravessado pela relação de afeto que tenho com meus poemas. Ao olhar para eles, identifiquei conexões que alguns apresentavam entre si, mesmo que tivessem tantos anos separando os momentos de suas escritas. Ao mesmo tempo, percebia que, com outras lateralidades, dentro de uma nova organização, parte deles poderia dar, para mim mesmo, uma ideia mais geral do que já tentei formular poeticamente ao longo dos 18 anos que separam o mais antigo do mais recente texto presente no livro.

Por isso, acabei enviando para a editora um livro que tem apenas onze poemas “inéditos” (ou seja, que não constavam das organizações anteriores), e que foram todos escritos entre 2012 e 2014. Estes poemas compõem a seção “quase”, logo no início do livro. Os demais, que constituem a larga maioria, são uma seleção minha de textos que já circularam antes nas suas versões caseiras. Como aponta o título: quase nada é novo.

A maioria deles não apresenta sinais de pontuação ou diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas. Essa maneira de escrever optei em determinado momento de minhas elaborações. Para esta antologia, até fiquei tentado a rever os poemas anteriores a esta minha decisão, modificando-os para assumirem essa outra roupagem. Entretanto, senti

---



que não deveria alterá-los mais, pois passaria, através deles, a falsa impressão acerca de uma noção que não tive na época em que os elaborei. Então, chegam aqui da mesma maneira como estavam nos “livros” originais.

Essas palavras iniciais são, a meu ver, suficientes para explicar o modo como este livro chega ao mundo (virtual). Acredito que a poesia funciona à medida que afeta as pessoas. Espero que algo nestes poemas possa produzir afecções em quem os leia.

Não poderia concluir, entretanto, a introdução a este livro sem o agradecimento a pessoas que me foram fundamentais por todos esses anos em que procurei construir parte de mim mesmo a partir de versos. Muitas delas, nunca conheci pessoalmente, mas me são praticamente íntimas. Outras, continuam dentro de mim, mesmo que a vida nos tenha afastado do convívio cotidiano.

Agradecimentos:

à minha família, especialmente a Adriana;


ao Grupo Consciência Acadêmica, ao Coletivo Piracema, a todas as pessoas com quem trabalhei em Sergipe e na Bahia, aos meus companheiros das Universidades Federais da Paraíba, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul;

à minha amiga Kathleen da Cruz, que cedeu sua arte para ilustrar a capa deste livro;

à Associação Brasileira Rede UNIDA, por apostar na constituição de uma editora que democratiza o acesso a livros relevantes do setor saúde e, agora, também abre as portas para ofertas não apenas acadêmicas, mas também literárias;

em especial às obras dos seguintes poetas: Chico

---





Buarque, Gonzaguinha, Cazusa, Paulo Leminski, Carlos Drummond de Andrade, Torquato Neto, Gilberto Gil, Chico César, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, João Guimarães Rosa, José Saramago, Albert Camus, Fiódor Dostoiévski, Manoel de Barros, Karl Marx, Gabriel Garcia Marquez, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Ferreira Gullar, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Caetano Veloso, Raul Seixas, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Antonio Negri.

O autor – 2014.

## a presente ação

não possuo muitas coisas na vida  
quase nada  
talvez apenas as minhas alergias  
e um excesso de unha  
que esqueci de cortar estes dias

o mais  
está tudo compartilhado

por isto insisto  
em escrever meus versos:  
para continuar não possuindo nada  
nem na memória do que fui  
nem no registro do que vou sendo

e aqui lhe mando  
mais uns rascunhos de poemas

toma pra você


ofereço-lhe  
sem cerimônias  
estes pedaços do que vi-vi

eles não são mais  
meus

nunca foram mesmo

ainda bem

---



quase



não me escondi sob minhas carnes  
minhas fraturas  
são todas expostas



meus enterros mais pomposos  
eu os aproveitei bem pouco


nunca tive tempo para me comparecer  
com a devida vênua  
nestes momentos solenes

minhas intensidades estiveram mais focadas  
nas partes menos deslumbrantes  
de mim

o gozo do fechamento de um ciclo  
o marco da passagem  
a aposição da pedra final  
o descerramento da placa  
o corte da fita vermelha  
o ritual do discurso  
a derradeira pá de cal  
constantemente me encontraram  
já envolvido até o último fio de pensamento  
nos desafortunados por vir  
em meus próximos desencontros

até porque descobri cedo  
que se alimentar dos próprios despojos  
é a maior de nossas fatalidades

viver de ilusões é mais corriqueiro



talvez até mais simples  
quicá menos doloroso


infelizmente  
minhas forças nunca foram tamanhas  
a ponto de se darem ao desfrute  
de se esbaldarem nas minhas tentações

não por prudência  
nem por sabedoria  
menos ainda por um pretenso ascetismo

meus descaminhos e minhas esperanças  
eu os coloco no colo  
e os redesenho diuturnamente  
quando moldo meus próprios horizontes  
com estas inseguras mãos

e é lambendo os dedos ainda sujos de horizontes  
que alimento este homem que venho sendo

por isso meus horizontes precisam estar  
pequenos  
maleáveis  
friáveis  
ao alcance da mão



tarde dessas

o vento empinou a bunda para mim  
mas eu só rocei a mão  
quase com semquerência

é que meus estômagos  
não se acercam bem com essas ariscadas  
que nos prega o vento


sem muito planejamento  
desocupeei os espaços ociosos  
dos meus poros

desde então  
meus vazios  
estão repletos de uma erradia noite

carinhosa  
ela me tomou pela mão  
e foi mostrar aos meus olhos suados  
como os interstícios dos meus vazios  
estão imbricados no tempo

resignado  
rogo aos meus pés  
aos meus ossos  
peço às minhas frágeis carnes  
que não me deixem ao rés do tempo  
que me coloquem onde  
que me levem ao quando  
que me estilhacem no aquém

mas parece que esta noite  
molhada  
cheirando a taipa



parece que esta noite fugidia  
que se me entranhou nas vestes  
nas fomes  
que se enfiou embaixo das unhas

parece que esta noite  
tomou posse de meus dedos  
embrenhou-se em meus dentes  
e pretende ficar aqui suspensa  
até sair aos poucos  
aos espasmos  
na bile  
na pele  
na porra

vivemos sempre  
em busca de si mesmo  
da nossa pretensa essência

mas o si não está em

o si  
se faz  
a si

queria descer ao rés da palavra  
rasgá-la pela sola  
e vê-la sangrar pacientemente  
até sobrar apenas sua casca inerte

depois tomá-la-ia pela nuca  
e a penetraria até que tivesse mais um filho bastardo  
no mundo da desconexão  
ente sons e sentidos

infelizmente  
ainda tenho que desaprender muito  
do que pensamos que somos  
para tentar me iniciar na vida sexual das palavras

até porque uma palavra que o valha  
não baixa a calcinha à toa  
para o primeiro que passe por si acreditando-se poeta




na invenção da vida  
limitemos nossos limites  
potencializemos nossas potências



tem sempre um descompasso que transborda  
da vida  
fodida nascida crescida morrida

pedaço do braço  
naco de coxa  
resto de sexo  
de moça  
de macho  
no cacho da fresta do porto

canto das costas  
parte dos dedos rangendo  
rastros de pelos nos olhos  
feixes de pontes  
nos peitos  
dos moços  
das bichas  
das putas  
fodidas nascidas crescidas morridas  
paridas  
paradas  
piradas  
na vida



meu descompasso não dá voltas  
ele rebimboca minha parafernália  
até eu me regurgitar para o avesso

regurgitar-se a si mesmo nem sempre é mamão com nutella  
até porque esse meu descompasso nunca avisa quando dá  
[seus reverses]


e sempre me surpreendo com esses movimentos  
pois ninguém sabe quantos avessos possui  
e para onde eles nos levam

às vezes me pego por um avesso bem torto

em outros avessos me estarreço diante de tantas direitas  
que nunca assumiria existirem nas minhas entranhas de  
[aguerrido militante de esquerda]

em certas ocasiões me desprego da parede do sono  
e já percebo que tem um avesso ativo quando piso no chão  
e as pernas não bambeiam como dantes

descubro muitos de meus avessos no embate da vida com  
[minhas filhas]



encarar um avesso frente à burocracia do estado parece ter  
[a mesma relevância  
que reconhecer outro avesso ao perceber um casulo vazio  
[na grama

esses nossos avessos operam ao reposicionar outras  
[dimensões de nossa vida

nossos avessos nos caleidoscopicam  
com eles não distinguimos precisamente o externo do  
[interno  
e perdem sentido as margens estritas entre o certo e o  
[errado

transvalorizamos efetivamente nossos valores  
apenas quando nos embrenhamos deliberadamente  
pelos nossos avessos

## o século

as casas têm cercas elétricas  
os carros são blindados  
os bancos têm seguranças armados  
as lojas monitoram as entradas  
as cédulas são rastreadas  
as esquinas têm câmeras  
as ruas estão nas imagens de satélites  
os becos têm viaturas  
as relações sociais estão nas redes virtuais

o que ainda escapa dos controles  
– sabe -se lá até quando –  
é o olhar insubmisso  
de uma criança

todas as disciplinas  
ainda não sufocaram  
o ameaçador olhar da criança  
o desordenador olhar-se na criança

um dia  
talvez  
o século será da criança



Quase nada é novo



para estruturar um verso  
gosto da palavra amassada  
esmurrada  
cuspida e escarrada

da palavra arfando  
arquejando  
suada  
vazada  
sangrada

de tomá-la ofegante  
com as pernas bambas  
desidratada  
quase sem vida

e sacando uma palavra nesse estado  
procuo lavá-la com areia de riacho  
e esperá-la secar no vento ao sol  
para ver surgir este brilho fosco  
este gume rombo  
este sabor insípido  
e todas suas texturas e aromas  
com os quais eu me argmasso



a vida

## Arte do encontro

E quando mais a gente pensa  
Que conhece gente o suficiente,  
Chega uma diferente  
E pergunta:  
Posso entrar?

Aí, nossa vida se entorta  
E abre-se mais uma porta.

acinzenta os céus  
molha o chão chuva  
amamenta a terra  
alimenta os leitos  
avoluma as fontes  
umedece minha pele  
encharca meu peito  
inunda  
afoga minhas insanidades  
e me ilha.

às vezes me visita um canto de minhas infâncias

infâncias tive muitas  
sorteando o futuro nas várias noites catando estrelas

estrelas até que catei muitas  
futuro é que eu fiquei devendo  
para depois

## a vida é enquanto

a vida é aquilo que acontece e se consome  
enquanto estamos procurando  
um sentido para a vida

emoção plena

emana do concreto da arquibancada vazia  
no abandonado teatro de arena

para paulo leminski

já sei o que quero  
só me falta agora  
saber chegar  
onde evito  
pois muitas vezes  
o que não buscamos  
é o que nos completa



## Meu objetivo

Meu objetivo:

Tomar a vida como um suco de ameixa

Para fazer barulhinho com o canudo

No final do copo

Enquanto vejo sumir no céu mais uma estrela

Cadente.



não me venha com meridianos e latitudes

eu sempre me referencio

por minhas próprias baixitudes



no tempo inexato  
extraí o abstrato  
do concreto do meu quarto

e passei a ficar atento  
a tentar delimitar  
o justo espaço do meu não-lugar

para poder me reconhecer  
na negação da negação  
de minha contradição

## Os pássaros não sabem de si

Os pássaros não sabem de si  
E se soubessem, talvez não caberiam em si.

Se parassem para olhar para si  
E se comparassem com a imensidão do céu  
Que eles têm para voar,  
Provavelmente sentir-se-iam impotentes – ínfimos  
Seres, iludidos que o céu fosse deles –  
E decidiriam parar de voar.

Ainda bem que eles não sabem de si.  
Por isso, o céu continua sendo deles.

## Quisera eu ter

Quisera eu ter  
A bela promiscuidade dos loucos

E viveria sempre nu  
De corpo e de alma.

sempre mudar de vida  
para não seguir carregando  
uma muda de vida  
numa vida muda



# sobre a esperança

para paulo leminski

certas vezes,  
a esperança é uma merda!  
ela nos dá esperanças demais...




vim  
dar  
boas  
vin  
das  
à  
vi  
da  
  
dei  
vi  
a  
gem  
per  
di  
da  
  
a  
vi  
da  
no  
va  
men  
te  
vi  
ajou  
es  
tes  
di  
as





a sola do meu peito  
    já caminhou  
        por muitos estragos  
rolou por mundos  
    a frio  
falhou por valsas  
    a fora  
chorou por pedras  
    à noite  
remou por mortes  
    a ruma  
latiu por gramas  
    à parte  
e trançou por pares  
    a tora

no trajeto  
    fui recolhendo  
        as cascas secas das bolhas  
que me surgiam  
    na sola do peito  
e com elas  
    mosaquei este vaso  
em que agora  
    guardo a aurora  
e um pedaço  
    da memória do vento



com as nuvens brinco de várias formas  
    convexo com algumas  
outras eu mesmo recôncavo  
    até que até que elas parem  
    mas se eu me distraio um pouco  
        elas se escondem de novo  
    como uma gaivota ou um homem narigudo  
e ficam assim  
    até o laranja se perceber azul-escuro

às vezes  
um osso rói

algumas  
o pescoço dói

outras  
um oco remói

enquanto segue

enquanto sigo

enquanto sendo


eu

esta carcaça

com um punhado  
de vísceras

e um bocado  
de desejos

e sonhos




## depois de quase

depois de quase um dia  
com uma leve enxaqueca  
deu vontade  
de falar pouco

lavei o rosto  
olhei pro espelho  
cocei a barba  
e fui pra varanda  
apagar a luz  
deitar na rede  
ouvir o barulho da rua  
e deixar a mente livre

no meio do caminho  
vi uns brinquedos  
das minhas filhas  
espalhados no chão  
uma boneca de pano  
um tapete de borracha  
um macarrão de espuma  
uma pá de plástico



parei diante deles  
e meu silêncio  
foi tão intenso  
que quase acordou minhas filhas

como elas não despertaram  
reparei que alguém mais  
respirava na sala


virei para o lado  
e dei de cara com a vida

(ou era a morte  
nunca sei precisar bem  
o momento em que uma  
deixa de ser a outra)

ví que ela me contemplava  
sentada  
serena  
bem quieta

depois se levantou  
espreguiçou-se  
deu-me um boa noite  
e se dirigiu à porta

acompanhei seus passos  
saudei-a com um movimento da cabeça  
e fui dormir



não deve ser fácil ser o silêncio de alguém


saber se aproximar no momento em que não o buscam  
(o simples chamá-lo o afasta)  
aproveitar um intervalo do pensamento  
e ocupar todos os seus poros  
reorientar os sentidos  
e sensos

por isso respeitosamente  
escovo os cabelos do meu silêncio  
e saio com ele a passear

as buzinas dos autos falantes  
os fogos  
os fones  
nada o desarruma hoje

com ele amplio meu desaprendimento  
de mim e do mundo

meu silêncio me faz ver o mar ecoando em mim  
me ensina como não contrariar o vento  
e me mostra com quantos palmos se faz uma noite



para clarice

chora, clarice  
grita bem alto a tua fome  
que este clamor é hoje  
teu maior argumento


mama, clarice  
suga do seio a tua vida  
enche de vida o sentido  
do seio

durma, clarice  
repousa  
descansa  
que a caminhada é longa  
e a alegria é pouca

mas, acima de tudo: sonha


sonha, clarice  
que, como nunca, precisamos de sonhos  
o mundo espera seus novos sonhadores

---



sonha muito  
sonha alto  
sonha grande  
até que o sonho se torne  
teu maior argumento


---



hoje meu sertão anda agitado  
e quando ele desanda a mexer assim desvairado  
é um semi-árido só no meu peito  
dum jeito que num tem enchente que encharque

nestes dias todo filé vira charque  
a represa volta a ser barragem  
a brisa se torna mormaço  
e a galinha d'angola num passa dum mero capote

e assim vou consumindo o dia  
até que me perco entre as juremas  
e dou de cara com uma vaca pasteurizada  
que me resgata para um mundo  
em que a vida vem em gotas de colírio



## questões de física médica

qual a densidade  
de uma raiva? quanto pesam  
dois metros de paixão?


que quantidade de emoção  
é suficiente  
para encher um peito?

(quando estoura uma caixa torácica  
repleta de afeto?)

como se tampona  
um coração dilacerado?

(depois da eletroencéfalo  
do eco  
da radio  
e da tomo  
quando  
criarão

a sentimentografia?)



## testemunho

quando o sol deflorou a terra  
deixou um buraco laranja

quase no meio da nuvem

enfiei meus olhos no mar  
e fui saindo de fininho  
para não repararem que eu espiava

## Contato

Para Danielle Amaro Alencar Bezerra

Uma sensação me corroía  
E eu não suportava mais  
Não saber o que era

Estava ficando louco  
Com aquele indescritível incômodo  
De algo que faltava

Eu era um enfisematoso  
Que morria sem oxigênio  
Com o pulmão cheio de ar

Tinha tudo para estar feliz  
E na verdade estava  
A não ser por isto que não me deixava

Até que visitei uma amiga  
E na entrada do edifício  
Tive a leveza de descobrir o que sentia

Parei em frente ao jardim  
Afastei as plantas

E enfiei os dedos no chão até onde pude

Depois arranquei a pele do solo

E brinquei como criança suja

Matando as saudades da terra

crescer

para as minhas mulheres

†

minha esposa cresceu na praia do bessa

na época era um lugar de veraneio

os poucos moradores eram pagos para ocupar e zelar pelas  
[casas ao longo do ano

ela gostava de ficar no mar morno vendo o sol

até a abóbada do céu ficar chamuscada de estrelas

apostava corridas com os cachorros na areia

roubava frutas nos quintais dos vizinhos

chorou e aprendeu as coisas boas da vida

enquanto via as ruas sendo cortadas e as casas

[ocupadas

hoje nós moramos no bessa

e ela vê nossas filhas brincando no seu pedaço de oceano

## Quase nada é novo



o meu bessa fica bem longe daqui  
a quinhentos quilômetros de distância do cheiro das águas  
[salgadas]

saí para o mundo ainda bem moço  
mas até hoje  
de vez em quando  
ao ver o dia raiando  
é lá que eu teimo em acordar



minha mãe cresceu em outra época  
e vivia a contar das coisas que fez  
das enganações ao pai para ir às festas  
das fugas da missa para namorar  
das voltas nas ruas com as amigas  
e muitas outras coisas de um sertão que se foi

muitas vezes ela disse  
que se tivesse o dom  
escreveria muitos livros:  
“eu tenho é história pra contar!”

perdoa seu filho, mãe  
eu só sei fazer poema

as histórias de uma vida não cabem no poema



# do amor



## houve um tempo

houve um tempo em que eu não buscava o amor  
eu apenas amava  
e isto me bastava

## Prelúdio

Eu quero te amanhecer  
Com os olhos tesos  
E assim te respingar  
Em minha superfície toda

Trazendo aos sentidos  
O que falo e o que dizes  
De acordo com o que queiras  
Extrair das minhas entranhas


Não te julgo nem me prendes  
E só resquícios do que fomos restará  
Depois de nos permitirmos  
Ser o que virá e o que virei

## Livre

Só as almas pequenas burocratizam o amor  
Exigem carimbo e duas vias em registro civil

Eu só quero viver o que vier sem aviso prévio  
Namorar sem emitir contrato  
Conversar sem marcar reunião  
Tocar sem exame de corpo de delito  
Beijar sem requisição por escrito

Hoje eu quero um amor sem assinaturas



você parece que pensa  
com a testa

que olha com a testa

franze a testa para  
viver  
para sentir  
para ser você


sua testa sustenta  
suas máscaras

seus fluxos passam  
pela sua testa  
seu ch'i para e passa  
e fica nela

talvez até mesmo você  
goze com a testa

suas sobrancelhas  
suportam o mundo

soltar a testa é  
deixar cair as vestes



suas mãos cabem na  
sua testa  
parece até que saem dela  
assim também suas pernas  
seus dedos, pescoço, peitos, bunda, joelhos, cotovelos,  
[buceta, barriga, ombros

fluem dela e para ela

apenas sua nuca  
escapa de sua testa

talvez por ficar escondidinha  
abaixo da linha encaracolada do cabelo  
por cima da omoplata

acho que sua nuca  
é sua porta



oi

quando toco de leve sua pele com o olhar  
sinto o cheiro de seus pensamentos

e com a língua quase implodindo  
digo um bom-dia esqualido  
meio desinteressado  
meio querendo devorá-la



## você me poesia


noite densa  
tensa  
intensa  
que a gente pensa  
que ficou lá

e ficou mesmo

mas ficou cá  
aqui bem dentro  
no centro  
do peito  
que ficou direito  
e meio sem jeito  
com o feito  
desfeito  
refeito

pois abriram-se portas  
brechas  
fenestras  
e o que passou por elas veio vivo  
e continua vindo  
nas noites densas  
tensas  
intensas

---



meu quarto está imensamente  
vazio.  
minha rede,  
torta,  
esperando contrapeso.  
apenas você sobra aqui  
com toda a sua ausência.

preciso açoitá-las  
espancá-las  
humilhá-las  
até não mais insistirem em formar  
teu nome.


mais um dia de chuva  
tão cinza como outro qualquer,  
mas o primeiro em que não estou pensando em você.  
  
merda!  
escrevi outro poema.

## Incertezas

Não sei mensurar o quanto de você ainda há em mim  
Se o que tive foi amor ou ilusão  
Se o que sinto é saudade ou vício  
Se nos respeitávamos como éramos ou nos acostumamos  
[como somos]

Não sei se você me conquistou ou eu é que me entreguei  
Se você me reprimia ou eu me anulava  
Se novos interesses surgiram ou foi o tesão que passou  
Se o valor do que vivemos está no que fomos ou no que  
[poderíamos ter sido]

Não sei se eu desejava estar com você ou temia ficar só  
Se o fruto do que plantamos ainda não nasceu ou já morreu  
Se a última pétala era bem-me-quer ou mal-me-quer  
E nem mesmo sei se o que busco é a liberdade ou uma nova  
[prisão]



## Auto-exílio


Durante um certo tempo tentarei  
Cultuar o silêncio

Não falarei o que vejo  
Pois sua imagem ainda presente em minhas retinas  
Está anuviando meus olhares  
E seu rosto aparece nos mais inesperados lugares

Não direi o que escuto  
Porque a voz que ecoa em mim  
Não é a de quem está ao meu lado  
Mas a de quem um dia esteve

Não exporei a mais ninguém o que sinto  
Até que consiga identificar  
Em meio à solidão deste momento  
A cura da tristeza que agora me habita

Enquanto isso me perdoem os que me amam  
Pois por uns tempos não serei verdadeiramente eu  
Mas a paródia de uma pessoa  
Que luta para se desintoxicar de outra



Quase nada é novo



Foi duro mas superei

E agora você está completamente fora da minha vida...

Não mais escreverei poemas para você

Não ligarei para sua casa

Não perguntarei mais nada às suas amigas

Não chorarei ouvindo músicas

Não entristecerei a cada lua cheia

Só terei outra recaída

Se você sorrir ao nos encontrarmos

E me abraçar espontaneamente

Ou se uma amiga sua disser que você ainda pensa em mim

Ou se tocarem Cazuza mais uma vez

Ou se a lua estiver realmente cheia

Ou se diante da caneta o papel tiver espaços em branco

Pois como já disse

Você está completamente fora da minha vida...

E inteira dentro de mim




quebra

minhas completudes são pouco abastadas  
não destoo da estatura mediana  
tenho carnes fracas  
e um olhar de quem só se vê com os outros

nada mais

já os meus restos  
estes não cabem numa caixa  
numa casa  
numa rua

eu me pertenço muito mais aos meus restos  
do que às minhas entranhas e posses  
é com eles que transfiguro  
os mundos que carrego e construo




## As sete faces de um poema sem nexo

Para Caetano Veloso

Não sei de nada  
Não vim aqui para nada  
Mas ao me ver por estas bandas  
Estou procurando um sentido  
(Se é que há. Se é que é um)  
Para esta porra toda

A sujeira do tapete não tem significado  
A do sapato diz aonde fui  
A do lixão é o pão de muitos  
A dos rios é o colesterol da terra  
Cadê meu lexotan?

Eu me alimento  
Por meus olhos  
E meus ouvidos





Minhas armas:


A voz  
E uma caneta

Meus prazeres:

A arte  
A luta  
E a carne

Tudo que me anima  
Pode me angustiar  
Dependendo da dose

E o vento continua a soprar  
Seus ensinamentos  
Ao ar



para maiakóvski

o que me tornei não sei dizer  
aprendi a me entender  
não a me explicar

por partes


aos pedaços me exponho  
nos fragmentos de mim que e s p a l h o  
nas pessoas que me desencontram

não por acaso ando  
parado deito e morro

estou indo amar  
enquanto ainda posso não saber  
o que faço

depois me organizo e ponho os livros todos em ordem  
[alfabética  
e arrumo gavetas e meias e cuecas segundo suas cores  
até lá me resguardo o direito de não envergar a minha  
[sanidade

sem tentar entender o motivo que me instiga  
a me querer construir  
em estrofes de três versos



Não nasci para muitos talentos  
nunca fui bom de bola  
sou tímido com as mulheres  
sempre precisei estudar bastante e mesmo assim esqueço  
[muito do que leio  
canto mal e toco vagabundamente um pandeiro e um violão  
minhas habilidades manuais são ridículas  
impossível consertar uma pia, algo no carro, na tv...  
consigo não encontrar a manteiga dentro da geladeira  
e nem eu aguento comer o que eu cozinhar

talvez eu só seja bom para fazer filhas  
(aos 29 anos já ia em 3 meninas)  
e para continuar insistindo  
em argamassar o vento  
e pulverizar o concreto

no exato instante em que alvoreci  
saiu de minha relva uma fagulha de aço  
  
não podia saber de que se tratava  
pois estava ofuscado com o que ia descobrindo em meu  
[estômago

só depois de algum tempo  
de que não recordo precisamente a duração  
passei a reparar naquela fagulha  
que teimava em me apontar com seus dedos trêmulos  
um lugar que eu não conseguia ver

no começo  
achei que estava perdendo tempo  
ao conversar com uma fagulha que não tinha motivos para  
[estar ali  
mas algo me fazia querer compreendê-la

aos poucos  
atinei que ela não apontava para algo  
mas estava era me mostrando seus dedos

depois que percebeu que eu entendi do que se tratava  
ela abriu toda a mão delicadamente

depois juntou as suas outras três mãos  
me empenhou com firmeza  
baixou a intensidade de sua luz  
e sumiu

até hoje  
não consigo parir a centelha que carrego  
mesmo sabendo que ela continua aqui


às vezes ela se mexe e choro de emoção  
(creio que toda boa mãe deve saber do que falo)

em outras ocasiões  
o chute de minha centelhinha me remexe as entranhas  
e parto para casa para tentar compreender o que se passa  
[com ela

com o tempo  
aprendi a conversar com ela  
a fortalecê-la  
a consolá-la  
a nutri-la com minhas faíscas

no dia em que ela resolver sair  
ficarei em momentâneo desespero  
pois levará bem mais do que meu intestino junto

---



quando isso ocorrer  
com todas as forças irei me empenhar  
em achar outra fagulha safada  
que me encha o útero com sua força

só espero que nunca me conforme  
nem fique resmungando ao lembrar  
que um dia já fui paridor de centelhas

não quero viver no futuro  
olhando para minha inútil cicatriz



## as gavetas dos futuros

I

um pedaço do que nunca serei  
anda a habitar meus ombros

recolho este pedaço delicadamente  
e guardo na gaveta dos futuros que não virão

chego mesmo a ter pena  
destes restos sem devir  
e os acaricio de quando em quando  
retirando-lhes a poeira dos escombros

com eles aprendo a me perceber  
a partir dos caminhos que a vida não me levou  
e a me encontrar completamente  
no que escolhi não me tornar



II

nem sempre estes pedaços do que nunca serei  
se desprendem facilmente

parte deles tive que arrancar a dentadas

outros saíram deixando rastros de sangue

mas alguns dos que mais me constituíram  
que me haviam entrelaçado por anos  
caíram-me do corpo quase sem que eu percebesse

III

quando abro a gaveta dos futuros que não virão  
gosto de separá-los  
tendo a um lado os projetos de que eu desisti  
e do outro os devires estagnados  
por terem eles mesmo me abandonado

e a olhá-los assim  
contemplo a gaveta contígua  
a dos futuros que talvez ainda virão  
tentando prescrutar o que neles acenaria  
àqueles que um dia  
terão algum passado em mim



parar um pouco

.....

olhar para o pouco

.....

poucar a vida de quando em vez

.....

desengrandecer os olhares

.....

desver as paradas

.....

de vez em vida



## pedaços

para arnaldo antunes

tem um pedaço  
em mim  
que não para

melhor dizendo tem  
uns pedaços  
que não param

a cada  
fala  
eles se movem  
mais  
e no silêncio  
viro  
um turbilhão

esses  
pedaços  
não têm rosto  
não têm braço  
não têm osso  
ou carne



mas eles seguem se  
movendo  
e não adianta reclamar

esses pedaços  
muitas vezes ficam  
fluidos  
outros quase gaseificam  
trocam  
partículas  
e se re  
compõem

os pedaços estão  
em constante processo  
de auto  
produção

esses  
pedaços  
vouarrastando por aí  
às vezes  
eles  
é que me carregam

cada pedaço  
vive  
a partir dos  
encontros com

os outros  
pedaços

nos movimentos  
os pedaços fazem  
ruídos  
e o eco é  
magmático

eles vão construindo  
trajetórias  
que se chocam  
em minhas paredes  
e alguns  
deles quase  
saem pelo  
buraco  
do ouvido mas  
voltam

alguns pedaços emprenham poemas

já outros me  
extravasam  
e rompem a barreira  
do sol

esses  
pedaços  
me  
constituem  
mas  
não  
me  
preenchem

nenhum  
desses  
pedaços  
me  
pertence

eu  
não  
sendo  
esses  
pedaços

rasgar as roupas velhas  
que impedem a re-constituição  
do novo a partir do velho

nunca dar ares de novo  
a roupas velhas tingidas

vestir o novo com o novo  
mesmo que precisemos deixá-lo nu  
enquanto se constrói sua roupa

## sujeito coletivo

para emerson elias merhy

compartilho minhas mortes  
com todos que me povoam

depois recolho os pedaços  
retraço os destroços  
e exponho esta vida cubista  
no funeral de meu renascimento

## sub-versões de vidro

a vida é muito  
certinha  
nos livros de biologia

a gente  
nasce  
cresce  
fode  
se fode  
e morre

mas por entre este  
fluxo contínuo  
continuamente  
produzimos  
várias sub-  
versões  
da vida

uma sub-  
versão  
é um pedaço  
de vidro



a cada vivência  
intensa  
se produzem  
estes pedaços  
tomamos estes  
vidros  
e guardamos  
delicadamente  
em tubos


estes vidros  
apresentam diversas  
cores

algumas vezes  
são incolores

outras  
insípidos  
inodores

o que vamos  
construindo  
em nossas vidas  
é um agrupamento  
destas muitas sub-  
versões

---



de vez em quando  
procuramos  
nos encontrar  
dentro  
de um dos tubos  
e nos vemos  
complexos  
nos reflexos  
dos pedaços de vidros  
que vamos  
carregando

viver é ser  
caleidoscopista  
de si mesmo

# as crônicas



## A rua a dormir

Três jovens a caminhar numa rua parada.  
O barulho dos automóveis ao longe  
Misturando-se ao rumor do vento nas folhas da velha  
[agarouba.

Postes esparsos deixam intervalos sombrios de chão  
Entre os reflexos concêntricos da iluminação pública.

Casas. Antenas.  
Coruja na antena.  
Gato no muro.  
Rato no lixo.  
Vento e automóvel.

Apenas a solidão da toalha estendida numa janela  
Permeia esta rua já adormecida.

Ninguém a ver os que passaram.  
Ninguém a olhar as estrelas.  
Ninguém a ouvir o cachorro.  
Ninguém a ousar.



Só o bêbado que está a perambular  
Quebra a liturgia:  
Baixa o zíper na rua  
E sorri feito criança  
Urinando contente ao som da orquestra  
De automóveis e vento.

cabôca

um bocado de bocais luminosos  
abocanham a boca da noite

e lá na toca de taboca  
da curiboca desbocada  
o amor desemboca na boca

escrevendo o mundo  
virgulino não parava  
até que lhe colocaram um ponto

sábado de manhã  
uma senhora da idade da minha mãe  
enxuga o suor debaixo dos seios antes de vestir-se  
prende os seus longos cabelos brancos tementes a deus  
calça as sandálias  
beija os netos  
deseja bom dia à vizinha  
e vai fazer a feira

ela demonstra critério  
olha com atenção  
apalpa  
cheira  
resolve levar  
e segue empurrando seu carrinho  
de mão  
entre os depósitos de lixo da rua em que moro

## há tempos

um jovem dentuço  
de cabelos descoloridos  
encostado a um poste  
numa rua do centro da cidade  
olha sem brilho para os que passam

parece crack  
mas é só tristeza

## genial orgia da moral

judeus recitam  
as páginas por escrever  
da genial orgia da moral  
quando holocaustam palestinos  
para manter a ata de assalto  
da terra san(gren)ta

## Valor

O filho de minha prima  
Jogou uma porção de salgadinhos no asfalto  
Porque queria comer era chocolate

Muitas vezes uma criança faz isso  
E nada acontece  
Ninguém percebe

Desta vez um minuto depois  
Um ser humano de pele escura e um pouco enrugada  
Abaixou-se e quieto começou a catar os salgados

## Uma tarde na TV

Um canal mostra  
Ao som de uma rumba contagiante  
Uma professora de ginástica  
Dando dicas de estética  
E melhores técnicas  
De exercícios abdominais

Noutro há um padre  
Agradecendo os cartões e mensagens  
Que lhe foram enviados  
E diz que devemos reconhecer  
Que projetos de Deus nós realizamos  
E que projetos de Deus nós deixamos de realizar

Há o que faz uma reportagem sobre os alunos das escolas  
Que conhecem o verdadeiro sentido da solidariedade  
Participando do projeto Natal Sem Fome  
E que contribuem  
Para que pelo menos no natal  
Milhares de pessoas se alimentem

Uma telenovela da América Central  
Comanda as atenções e emoções  
Dos que enveredam por outro canal

Nesta tarde de televisão

Também tem aquele programa

Onde todos são jovens

Lindos loiros desportistas

Inteligentes e quase noruegueses

Discutindo futilidades com pose de filósofos

Por fim há aquele incêndio

Numa favela na zona norte de São Paulo

Que destruiu centenas de barracos

Entre eles o de uma senhora cega

Que enquanto tentava escapar do fogo

Tinha seus pertences roubados

Por seus companheiros de inferno



um menino num semáforo

vendia barras de doce

ele não me pediu dinheiro

vendia barras de doce

não me agrediu com um punhal

vendia meras barras de doce

ele não estava desmaiando de fome

apenas me oferecia barras de doce

não aparentava usar drogas

eram doces mesmo que vendia

mas seu olhar me falou de tanto sofrimento

em estar vendendo barras de doce

para quem o olhava mas não o via

que simplesmente o fitei

e carreguei o dia todo o sabor amargo

de ver uma criança num sinal

às oito da manhã

vendendo umas merdas de umas barras de doce





## Aos bichos

Para Manuel Bandeira

É, Bandeira,  
Bicho não é mais quem come lixo;  
Isto já é comum.

Bicho somos todos nós  
Que não nos indignamos mais.

Apenas aquela velha senhora  
Que mora no apartamento de baixo  
Ainda é gente:  
Vez por outra,  
Coloca entre as latas  
Uma fruta fresca ou biscoitos recheados,  
Meio por acaso,  
Para distrair a consciência.



dos poemas



## margiconcretropicanaalha

para torquato neto

não instrumentalizo versos

espremo um caroço que inflama no rosto  
ou no peito  
ou no pau  
e                    me livro  
de um troço  
um trambolho  
que retoco  
e repasso

outras vezes pego dum tronco de nuvem  
uma lasca de pedra  
e fabrico um palmo de luz e susto  
para pôr num vaso de sonhos

hoje saí para caminhar  
e não levei  
chavev  
relógiov  
telefonev  
bolsav  
documentov  
dinheirov

no calçadão da praia de atalaia  
passeava sobre minha vida  
era eu apenas  
e **respirava** poesia

(senti apenas não ter levado  
caneta e papel  
pois cheguei em casa  
e só me saiu escrito isto)

a poesia

ou uma embolada...

com zeca baleiro

a poesia  
atravessa  
a praça da alimentação e  
pede  
um croissant  
num fast-food

a poesia  
ultrapassa  
o concreto e se  
aloja  
entre as duas faces  
da fitinha do senhor do bonfim da bahia

a poesia  
se  
espreme  
entre as bucetas no puteiro e

---

extravasa  
no tampax  
da mocinha de família

a poesia  
dança  
lambada  
no bar do reggae

a poesia  
come  
hóstia  
com conhaque e  
limpa  
os beiços  
na toalha da mesa

a poesia  
escorre  
da ferida aberta  
da perna do mendigo e  
vaza  
do olhar de quem  
tem  
o buxo vazio

a poesia  
ocupa  
terra improdutiva e

---


vai  
defender  
a legalização  
do aborto  
na parada do orgulho  
g  
l  
b  
t

a poesia  
rebola  
em qualquer esquina e  
para  
para  
toda buzina

a poesia  
cospe  
na cara e  
mija  
no prato de quem a  
comeu

a poesia  
só  
faz  
o que

---



gosta  
e  
manda  
todo o resto  
pra putaqueopariu

a poesia  
troca  
socos e pontapés para  
agarrar  
o buquê da noiva

a poesia  
decide  
parar  
de vez em quando  
e só por capricho

desfazer  
tudo que  
disseram  
que deus  
fez

a poesia  
engole  
o  
para  
-quedas e

voa

---



## Sobre o escrever

Quer o poeta realmente ser compreendido?  
Então escreva um tratado  
E deixe a poesia para os loucos

—


O ser do poeta simplesmente se desnuda  
Nos versos que escreve  
E nada é inteligível quando optamos  
Em assumir radicalmente  
Nosso lado humano

—

Os homens que mudaram o mundo  
Nos trouxeram conceitos e máquinas  
E os cientistas e industriais os certificaram

Os homens que mudaram os homens  
Nos propuseram perguntas e reflexões  
E os filósofos e teólogos os respaldaram

Já os poetas apenas se mostram como são  
E como veem o mundo em que estão  
Pois que os psicanalistas e sociólogos  
Nos tentem explicar



## revoar rubro

queria não precisar de poemas  
a vida em si ser poética  
deveria ser o suficiente

mas esse desconforto do poema não germinado  
insiste em me ocupar o corpo

então engulo sacos de açúcar  
horas antes de cortar os pulsos  
só para ver o revoar rubro dos beija-flores

## Quase nada é novo



meu poema não quebra uma porta

não afasta assaltante

não rasga o teto com um piscar de dedos

meu poema não elege candidatos

não manipula a opinião pública

não expulsa o banco mundial e o efe-eme-i

meu poema não rompe a barreira do sol

não fica dez anos com o braço levantado

não despolui os rios

meu poema não enche as marginais do tietê

não toca no disco do caetano

não obtura dentes

meu poema não alcança uma lágrima de quem o lê

não passa por academias

não sai no noticiário

meu poema é pobre

sujo

mirrado

ele gira sobre si mesmo e tonto sobe a escada que puxa de sua manga esfarrapada depois se joga ladeira abaixo para escorregar nas rampas estilhaçadas das ruas enlameadas e bebe as águas podres que escorrem pelos bueiros antes de deitar na cama e ficar a noite toda remoendo suas flores

a sua maior tristeza é não conseguir arrancar de si suas flores



# intensos

indo te ver  
esqueci o livro e trouxe o lápis  
a poesia quis vir viva

esta noite  
ao subir  
o morro  
o policial  
colocou uma  
rosa  
na lapela  
sacou uma  
flauta e  
foi tocar  
chorinho

disse-me a poesia:

“acorda aí, porra!”

e vim sonhar no papel

para paulo leminski

quando tudo se apresenta  
sem sentido,  
fecho os olhos  
para melhor afinar os ouvidos;

posso continuar não entendendo,  
mas o som fica bem mais bonito...

19-07-01

Hoje foi um dia maravilhoso:  
Eu mijei nas pedras furadas  
Da Praia de Tabatinga.

C. D. A.

Ainda ontem,  
Senti saudades de Carlos Drummond de Andrade.

Até que ele me disse: cale a boca, rapaz,  
E vai viver a sua vida.





Uma pétala  
caiu da sua pele  
e se flôi



na entressafra dos sonhos,  
deságue como puder;  
no semiárido,  
é sempre bem vinda a chuva.





## nas praias de ilhéus

desde moço  
entre um bar  
e o mar

e  
s  
r  
e  
m  
i  
a  
-  
s  
e

aquele velho coqueiro

até esta tarde  
quando ele se sentou naquela mesa do bar  
e veio afogar suas águas



esperem um pouco  
vou viver  
depois eu volto





## Sobre o autor

Luciano Bezerra Gomes nasceu no ano de 1979, em Cajazeiras, cidade do alto sertão da Paraíba, onde morou até os 15 anos de idade. Foi para João Pessoa, capital paraibana, onde realizou seus estudos até a graduação em medicina e residência médica em medicina preventiva e social.

Nos anos de 2005 e 2006, morou em Aracaju, onde trabalhou como médico, professor e gestor público na secretaria de saúde daquela cidade. Em 2007, morou em Salvador, trabalhando na gestão estadual da saúde da Bahia.

Em 2008, retorna para João Pessoa, onde após rápida passagem pela secretaria municipal de saúde, ingressa como professor na mesma instituição em que se formara, Universidade Federal da Paraíba, estando lotado no Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas. Desde então, tem se dedicado profissionalmente ao ensino e pesquisa na saúde, além de sua atuação como militante em entidades e movimentos sociais de esquerda.

Tem colaborado em projetos governamentais em âmbitos municipais, estaduais ou federal que, a seu ver, avançam na defesa de uma saúde pública, gratuita, de qualidade e democrática.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde o ano de 2007 está vinculado à linha de pesquisa Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, onde desenvolve pesquisas

e, sob orientação de Emerson Elias Merhy, realizou curso de mestrado e doutorado (em andamento).

Além de algumas publicações acadêmicas, organizou quatro coletâneas com seus poemas, que circularam informalmente em redes sociais e entre seus contatos (vide seção “para começo de conversa”, no início desse livro). Este é seu primeiro livro de poesias publicado por uma editora.

É casado com Adriana e pai de três filhas: Clarice, Luiza e Júlia.





# Publicações da Editora Rede UNIDA

## Coleções e Série

Arte Popular, Cultura e Poesia

Clássicos da Saúde Coletiva

Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

## Outras publicações

“Bulindo” com a Universidade - Um estudo sobre o trote na medicina

Girando Vida, Políticas e Existências: reunindo experiências com leveza e movimento - Construção do 11º Congresso Internacional da Rede UNIDA

Evidencias y Narrativas - Una perspectiva antropológica.

Cardenos Saúde Coletiva

editora



redeunida